

## O Encontro dos Saberes na Perspectiva dos Pesquisadores

Marcelo Bassols Raseira  
Rafael Antônio Machado Balestra  
Virginia Campos Diniz Bernardes  
Gerson Buss  
Marcos de Souza Fialho  
Onildo João Marini Filho  
Yasmin Maria Sampaio dos Reis  
Jumara Marques Souza  
Marcio Uehara-Prado

"...sou apenas um convidado para ouvir e comparar este trabalho com outros dos quais participei para aprendermos juntos com diferentes exemplos e novas experiências".

(Rafael Balestra, pesquisador RAN/ICMBio)



FOTO: BRUNO BIMBATO

### Introdução

A pesquisa científica é uma forma de produzir conhecimento e pode ser um processo complexo a depender das hipóteses a serem testadas, exigindo habilidades específicas dos pesquisadores. Esses especialistas dedicam anos de estudo às suas linhas de pesquisa ou temas específicos, buscando a construção de conhecimentos para dar um retorno à sociedade. Contudo, muitas vezes existe um distanciamento entre a comunidade científica e a sociedade, seja devido à falta de acesso ao conhecimento ou ao formato inadequado como a informação é disponibilizada, principalmente no caso de locais isolados, com difícil acesso, como é a situação de diversas unidades de conservação.

A união entre a gestão ambiental e o conhecimento científico é de suma importância em ações de manejo e conservação da biodiversidade brasileira. O apoio colaborativo de pesquisadores e os conhecimentos gerados com suas pesquisas são utilizados em diferentes processos do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). No Instituto, existem os Centros Nacionais de Pesquisa e Conservação (CNPC), onde ocorre uma articulação para que haja sinergia entre pesquisa e conservação, fato que se consolida há alguns anos, principalmente em relação às estratégias de conservação da biodiversidade, como no processo de avaliação do risco de extinção de espécies e na elaboração e execução dos Planos de Ação Nacional para a Conservação de Espécies Ameaçadas. Essa interação é fundamental para a conservação e o manejo sustentável da biodiversidade na gestão de unidades de conservação, bem como para o desenvolvimento socioambiental.

ANALISTA AMBIENTAL DO CBC/ICMBIO, GERSON BUSS E  
PROFESSOR-PESQUISADOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO ACRE/UFAC, MARCOS SILVEIRA  
ENCONTRO DOS SABERES  
RESEX DO CAZUMBÁ-IRACEMA / AC

A partir de 2011, com a estruturação do Programa Nacional de Monitoramento da Biodiversidade (Monitora) e a busca pela implementação dos diferentes protocolos de monitoramento da biodiversidade, os pesquisadores dos CNPCs e externos ao Instituto se tornaram peças fundamentais nesse processo. Esses colaboradores têm participado das diferentes etapas do Programa Monitora, como na seleção dos alvos de monitoramento e do desenho amostral; na coleta e análise de dados; na interpretação de resultados e, a partir de 2018, na elaboração de estratégias de divulgação e intercâmbio entre conhecimentos científicos e a sociedade, no Encontro dos Saberes.

A proposta desses Encontros é divulgar, em linguagem acessível, as informações e os conhecimentos provindos do monitoramento, para promover a interação e a troca de experiências e de interpretações dos fenômenos observados de forma coletiva, com os atores envolvidos nas diferentes etapas do Monitora. Por ser um processo novo, adaptável e em constante evolução, elencamos neste capítulo, como pesquisadores envolvidos diretamente no Programa Monitora, nossas percepções sobre os eventos e o progresso ao longo dos sete Encontros realizados entre 2018 e 2020, com destaque para o planejamento, a articulação, a produção de material, a interação e a troca de saberes entre os atores. Além disso, apresentamos algumas sugestões que consideramos importantes para a melhoria dos eventos.

## O Encontro dos Saberes formula uma experiência única, com troca de informações, aprendizados e aprimoramentos do Programa Monitora

### Percepções e aprendizados

O Encontro dos Saberes formula uma experiência única, com troca de informações, aprendizados e aprimoramentos do Programa Monitora e demais processos institucionais. É uma oportunidade para a comunidade local ter maior compreensão do monitoramento que vem sendo realizado nas unidades e como isso pode impactar na vida de todos. Também é o momento de aproximar as comunidades, local e científica, com os gestores públicos, para gerar um maior engajamento nas agendas de conservação da biodiversidade.

As trocas de saberes proporcionadas pelo Encontro permitiu sanar diversas dúvidas, tanto dos monitores, em relação aos protocolos, quanto dos pesquisadores que validam os dados do monitoramento, sendo esse contato, portanto, essencial para o processo de troca de saberes. Com as informações dos monitores, os pesquisadores podem avaliar a qualidade da coleta de dados e aprender sobre especificidades locais que afetam o grupo alvo de interesse (por exemplo, o evento sazonal da morte das Tabocas na RESEX Cazumbá-Iracema, detalhado no capítulo anterior). Além disso, o esclarecimento das dúvidas de monitores e pesquisadores agregam mais confiabilidade aos dados, promovendo a melhoria da qualidade da coleta e da análise dos dados do Programa Monitora.

O Encontro dos Saberes assumiu papel fundamental no estreitamento da relação entre gestores e comunitários. Na RESEX Tapajós-Arapiuns, por

exemplo, anteriormente aos Encontros promovidos, muitos comunitários só conheciam a analista ambiental de nome, e sempre associando-a às atividades de fiscalização. Por esse motivo, e também por haver um acordo de gestão de uso da caça de subsistência na unidade, o qual impõe regras rígidas ao uso dos recursos pela população local, muitas famílias não aceitaram participar ou mesmo sonegaram informações do monitoramento da caça na unidade, no âmbito do Programa Monitora. Essa situação ainda não mudou, no entanto, houve grande melhora decorrente dessas oficinas de discussão de resultados, realizadas ao longo dos anos. Nesses eventos sempre houve a preocupação em esclarecer a diferença entre fiscalização e monitoramento, assim como o compromisso de explicar o termo de consentimento assinado pelas famílias participantes, o qual lhes garante o sigilo nas informações prestadas.

De forma semelhante, na REBIO Abufari, muitos comunitários puderam conhecer o gestor da unidade durante o Encontro, onde, também, foi possível descobrir se havia sonegação de informações referentes à pesca de determinadas espécies, devido ao receio de represália. É esperado que, com o tempo, tanto a compreensão de que monitoramento não é fiscalização quanto o estabelecimento de um vínculo de confiança, possam melhorar as relações, evitando-se, assim, o comprometimento dos dados do monitoramento.



FOTO: BRUNO BIMBATO

## Planejamento, articulação e logística

Uma das etapas claramente importantes para o sucesso dos Encontros é o planejamento conjunto realizado com antecedência. Essa etapa auxilia no alinhamento das metas, possibilita a discussão sobre o material informativo a ser apresentado, a elaboração de uma agenda, a definição das responsabilidades e a organização das questões de logística e infraestrutura.

Os primeiros eventos apresentaram problemas de comunicação entre pesquisadores e organizadores, o que levou, por exemplo, a erros em figuras do material informativo, por terem sido elaborados muito próximos da data do Encontro. O planejamento prévio dos eventos posteriores permitiu que os pesquisadores não só analisassem os dados em tempo viável como também pudessem subsidiar a equipe organizadora com os resultados para a elaboração de material informativo mais instrutivo. A melhoria comunicacional do material expositivo provoca maior participação comunitária, tornando mais acessível a construção coletiva ao público.

Acredita-se também ser essencial que no dia, ou nos dias anteriores ao Encontro, os pesquisadores tenham um momento de nivelamento com o ponto focal do Programa Monitora da unidade e com os monitores. Observou-se que muitas atualizações, e mesmo correções de procedimentos metodológicos, ocorreram por vezes nas situações informais em que monitores e pesquisadores interagiram antes dos Encontros. E, claro, no próprio Encontro, onde atualizações e correções podem ser realizadas nos procedimentos metodológicos, mas é recomendável que estes alinhamentos ocorram antes do evento, evitando desperdício de tempo e eventuais contratempos.

Uma dinâmica não consolidada em todos os Encontros, mas válida no processo, tem sido a apresentação e a discussão prévia dos resultados aos monitores, se possível, anterior ao evento. Assim, os monitores estarão mais bem preparados para o Encontro, podendo assumir o papel de multiplicadores do conhecimento. No caso de eventos planejados para expor tanto as pesquisas quanto o monitoramento que ocorrem na unidade, o monitor previamente preparado e habituado com os resultados pode, não somente apresentar a metodologia, mas também estar ao lado do pesquisador para apresentar os dados a grupos menores.

A posição proativa dos gestores e do ponto focal da unidade, em relação aos Encontros, é determinante para seu sucesso pois, boa parte da logística caberá à unidade realizar ou catalisar, como, por exemplo, o transporte de comunitários oriundos de áreas remotas. Nesse sentido, é importante ser cuidadoso com a escolha do local que irá sediar o evento, estando atento às imprevisibilidades que podem ocorrer, tomando as devidas providências e contornando as situações. No Encontro do PARNA Montanhas do Tumucumaque, por exemplo, a queda de uma ponte fez com que alguns convidados, com participação confirmada, não conseguissem chegar ao evento. Outro exemplo de imprevistos ocorreu no Encontro do PARNA Jaú e da RESEX Unini, em que o barulho da chuva e goteiras no telhado de zinco do ginásio impediram as apresentações. São desafios que fazem parte da realidade da região amazônica e precisam ser ponderados e levados em consideração durante a preparação de eventos que congregam pessoas.

Diversos arranjos logísticos e de estrutura podem ser válidos para a realização dos Encontros, inclusive a organização em eventos regionais, quando se contemplam várias unidades ao mesmo tempo, ou eventos comunitários (locais), quando, em uma mesma unidade, podem ser realizados dois ou mais Encontros em seus domínios. Contudo esses arranjos devem cumprir critérios mínimos, como acomodar todos os seus convidados e participantes com o mínimo de conforto ambiental, em espaços que permitam a realização de dinâmicas de participação e o acesso igualitário aos interlocutores.

Além disso, os pesquisadores precisam estar cientes das condições logísticas e estruturais dos Encontros para a preparação dos dados e para decisão do formato de suas apresentações. O perfil do público esperado também é uma informação importante para subsidiar o pesquisador. Por exemplo, ocorreram Encontros em que o público era, em sua maior parte estudantes e, em outros nos quais os monitores e seus agregados constituíam a maioria dos participantes. Ao saber qual o público que se pretende atingir, pode-se definir o melhor formato por meio do qual os dados serão apresentados.

LOGÍSTICA ENCONTRO DOS SABERES  
RIO TAPAJÓS / PA



### Produção de material

Mesmo que analisar dados seja algo rotineiro para pesquisadores, não podemos partir do princípio de que os participantes de um Encontro dos Saberes tiveram contato com planilhas, tabelas ou gráficos complexos. Assim, é importante direcionar o material expositivo de acordo com o público-alvo. Portanto, um material informativo, didático e objetivo, é fundamental para que os participantes possam compreender o tema apresentado e, a partir dessa compreensão, possam interpretar e discutir as informações de forma coletiva.

Aqui entendemos que existem dois tipos de material informativo. Aqueles utilizados no Encontro, que podem atingir todos os participantes ao mesmo tempo (*banners*, painel de fotos, painéis dinâmicos ou infográficos) e os de maior tiragem, como a cartilha, que é distribuída ou no dia do evento ou previamente a ele. O primeiro tipo é imprescindível para uma dinâmica agradável e construtiva durante o evento, enquanto o segundo tipo, embora tenha sido produzido um material de boa qualidade e

com informações interessantes de alguns Encontros, dando a impressão de que o impacto foi limitado sobre a comunidade, a despeito do custo do investimento. Esse é um recurso que precisa ser mais bem avaliado, no sentido de buscar uma simplicidade maior, com conseqüente diminuição do custo, ou de agregar valor, dando-lhe outros usos que não se esgotem nos Encontros.

Algo importante percebido ao longo dos diferentes Encontros foi como ocorre a aproximação entre os pesquisadores e os comunitários, que pode ser facilitada por meio de algum elo, um elemento que possa fazer conexão com o cotidiano das comunidades, ao invés de apenas apresentar gráficos e tabelas, que são uma representação abstrata dos resultados. Formas alternativas de exposição dos resultados ou formatos mais criativos (como maquetes) atraem mais a atenção da comunidade, proporcionando um envolvimento maior nas discussões. Por exemplo, no caso da REBIO Abufari, um aquário

contendo os peixes capturados e a apresentação de peixes de coleção por parte dos pesquisadores foram os momentos que geraram as maiores interações durante o evento. Os peixes serviram como um elo com o dia a dia dos comunitários, ao contrário de algo puramente teórico, como os gráficos e as tabelas que são geralmente apresentados, o que possibilitou uma rica troca de experiências, aumentando a interação dos presentes.

Painéis e outras formas de mostrar curiosidades sobre as espécies alvo, como estratégias reprodutivas, forma de alimentação, peculiaridades do formato do corpo ou outras informações interessantes, também ajudam a fixar o conteúdo e manter a atenção dos participantes. Na RESEX Cazumbá-Iracema, por exemplo, a exposição de fotografias de armadilhas fotográficas, cedidas pelo pesquisador Ricardo Sampaio do CENAP e obtidas no seu projeto de doutorado, compôs o cenário do Encontro dos Saberes da RESEX, assim como o uso de borboletas recortadas em papel usadas para demonstrar as ocorrências em diferentes ambientes.

**RESEX CAZUMBÁ-IRACEMA**

A idade de uma castanheira reflete o número de castanhas produzidas. As castanheiras adultas que já estão envelhecendo são as maiores produtoras. Além disso, a presença de cupim e cipó são os principais fatores naturais de diminuição da produção.

As informações dos últimos 5 anos são registradas em fichas, depois analisadas e estudadas. As principais são: número de castanheiras, se é explorado, quantidade de famílias que coletam, total de castanhas coletadas, fatores que influenciam na produção e potencial produtivo do castanhal.

**RESULTADOS:**

**RELAÇÃO ENTRE IDADE DA ÁRVORE E CASTANHAS PRODUZIDAS**

Idade / Diâmetro	Número de Frutos
Jovens (50-100 cm Diâmetro)	114
Adultos jovens (100-150 cm Diâmetro)	288
Adultos envelhecendo (150-200 cm Diâmetro)	383
Velhos (>200 cm Diâmetro)	234

**DENSIDADE DOS CASTANHAIS POR HECTARE**

Localidade	Densidade (0-4)
Cazumbá	0.5
Davi	1.0
Dima	1.5
Iracema	2.0
Inhambué	2.5
Martimópolis	3.0
Marizal	3.5
Zequinha	4.0
Zumbá	4.0
Zumbá 2	4.0

**FATORES QUE AFETAM A PRODUÇÃO DE FRUTOS**

- QUALIDADE DA COPA:** Perfeita, Boa, Tolerável, Pobre, Muito Pobre?
- CIPÓ:** Sem, pouco, muito?
- CUPIM:** Sem, pouco, muito?
- RESINA:** Sem, pouco, muito?

**O QUE CONCLUÍMOS?**

Apoio: USAID, MOORE FOUNDATION, ARPA, IPE, ICMBio, PÁTRIA AMADA BRASIL

## Interação e troca de saberes

Os eventos têm sido muito enriquecedores quanto às participações, às interações e à construção participativa do conhecimento em muitos aspectos, tanto pessoais quanto profissionais, destacando-se as observações sinceras e motivadas, a crença e a confiança no trabalho realizado, além do apoio das entidades envolvidas.

Nesse sentido, destacamos a importância de um moderador experiente em conduzir discussões e resolução de conflitos. É preciso que seja uma pessoa bastante envolvente para manter o interesse do público, conforme ocorrido ao longo dos eventos. Somado a isso, destacamos a importância da facilitação gráfica usada em alguns eventos que, apesar de não ser algo facilmente disponível, também auxilia o entendimento efetivo do conteúdo.

Além da moderação, é essencial criar um ambiente propício à troca de saberes, devido à real necessidade de melhoria da dinâmica entre pesquisadores e comunitários. Algumas alternativas são as

dinâmicas de “quebra-gelo” e as apresentações de grupo, pois aumentam a interação entre os atores, antes da apresentação dos resultados ou debates polêmicos. Na RESEX Cazumbá-Iracema, a formação de duplas, compostas por participantes locais e “visitantes”, promoveu condições de proximidade e de confiança recíproca que permitiram que eventuais descontentamentos com o Programa pudessem ser informados aos gestores sem exposição ao grande grupo.

Na REBIO Abufari, a divisão dos participantes em pequenos grupos que visitavam as estações de trabalho permitiu um maior diálogo entre as pessoas. Caso se opte por estações de trabalho em um sistema de rodízio, torna-se necessário um esquema de apresentação único para todos, seguindo uma sequência lógica para explicar eficazmente o monitoramento e/ou a pesquisa e, assim, facilitar a compreensão e a assimilação pelo público, antes da divisão em grupos e em estações de trabalho.

Os pesquisadores precisam aprender a compartilhar seus conhecimentos com a comunidade de forma mais didática. Por isso é importante dar atenção ao uso da linguagem, de modo que ela favoreça a união entre o conhecimento técnico e o tradicional. Um exemplo interessante é o ajuste de linguagem utilizado para explicar o que é abundância populacional (ver pág. 202). Também é relevante, nesse sentido, propiciar a participação de pesquisadores locais, que podem ser conhecidos pelos comunitários, e que conhecem a linguagem adequada ao local, como ocorreu no Encontro da RESEX Cazumbá-Iracema, em que houve a participação de um botânico da Universidade Federal do Acre, Marcos Silveira, pesquisador atuante na unidade de conservação. A interação entre pesquisadores, monitores e comunitários também serviu para que tivéssemos uma compreensão do funcionamento do acordo de caça existente na RESEX, considerando que essa é uma ferramenta relevante para a gestão da fauna em reservas extrativistas.

Outro aspecto importante é que, ao ocorrer a troca de saberes, deve-se levar em consideração as diferentes percepções quanto aos conceitos comuns às partes. Por exemplo, durante uma oportunidade de interação no PARNA Montanhas do Tumucumaque, perguntou-se à comunidade indígena local se as espécies de *Crypturellus* (nambús ou jaós) ocorriam na área e, como no grupo havia três indígenas da etnia Wajãpi, estes responderam que havia apenas “uma espécie”. No entanto, são esperadas até oito espécies para o gênero na área. Logo depois, foram apresentadas pranchas com fotos das espécies prováveis e suas vocalizações, e eles reconheceram, com nomes diferentes, cada espécie apresentada, ou seja, o conceito de espécie pode ser distinto entre os interlocutores.



FOTO: BRUNO BIMBATO

Observações sinceras e motivadas, a crença e a confiança no trabalho realizado

## Vamos falar em abundância populacional de mamíferos e aves

Para que a troca de saberes realmente ocorra, é necessário que haja comunicação entre as partes, ou seja, pesquisadores e monitores comunitários. Nesse sentido, a linguagem deve ser ajustada para propiciar a comunicação. Com a participação nos Encontros para apresentação dos resultados de mamíferos, uma preocupação que tivemos foi justamente com a comunicação, como falar de abundância relativa (taxa de encontro), de uma maneira que fosse compreensível para os comunitários. Na coleta de dados de mamíferos e aves, os monitores percorrem a trilha de 5 km e anotam quando encontram uma espécie. Essa visualização é registrada depois em uma planilha e vai compor um índice chamado de taxa de encontro, que é a unidade básica da abundância relativa de determinada espécie ou táxon. A taxa de encontro é expressa normalmente como visualizações/10 km ou registros/10 km, sendo 10 km a unidade de esforço normalmente utilizada. Mas, na apresentação dos resultados, fica complicado esse entendimento para quem não está

acostumado. Por exemplo, a taxa de encontro do macaco-aranha foi de 0,7 registros/10 km e a da cutia foi de 2,5 registros/10 km.

Como forma de facilitar o entendimento, nas reuniões de troca de saberes, foi adotada uma explicação clara para a comunicação dos resultados de abundância populacional: quando a taxa de encontro de um animal era 1 registro/10 km, utilizou-se a explicação “Você tem que andar 10 km aproximadamente para encontrar uma vez esse animal, ou seja, percorrer duas vezes a trilha de 5 km do Monitora”. Se a taxa de encontro era de 0,5 registro/10 km, era informado que o animal não era muito fácil de ver, uma vez que o comunitário teria de caminhar 20 km para ver esse animal e, então, se fosse de 0,2 registro/10 km, a espécie era difícil de ser vista ou era “rara”, já que a caminhada seria de, aproximadamente, 50 km para encontrar esse animal.

Então, dessa forma, os resultados do monitoramento de mamíferos e aves foram apresentados de forma compreensível, indicando quais eram as espécies mais comuns de serem vistas nas trilhas e as mais raras, podendo dialogar e propiciar a troca de saberes sobre os resultados do Programa Monitora.

Durante a moderação das oficinas, o moderador conseguiu promover a aproximação entre os participantes, cativando-os e prendendo sua atenção, o que possibilitou uma maior interação. Essa aproximação é essencial para o sucesso do evento, com indicativos de desafio

futuro, já que, nem sempre, é possível contar com moderador para as próximas oficinas, buscando entender quais seriam as consequências, caso não seja viável.

Demandas externas ao Programa Monitora são inevitavelmente trazidas para os Encontros, além de surgirem diversos questionamentos, durante as discussões, sobre a unidade e a sua gestão. Assim, é válido prever um tempo extra nos Encontros, para que o gestor possa interagir com os comunitários.

Um tempo especial também deve ser dado às avaliações dos eventos, que são de suma importância para ajustar o processo. As avaliações coletivas mais dinâmicas têm sido a melhor forma de perceber o que está funcionando bem e o que precisa de ajustes. Contudo, muitas vezes, devido ao tempo ou ao formato do evento, questionários podem ser enviados posteriormente para gestores, parceiros e pesquisadores, para que todos consigam avaliar o evento, com calma e de forma mais detalhada, em relação ao planejamento, ao material informativo, à logística etc.

MARCOS FIALHO, ANALISTA AMBIENTAL -CEMAVE/ICM-BIO  
ENCONTRO DOS SABERES  
PARNA DO JAÚ E RESEX DO RIO UNINI / AM



FOTO: BRUNO BIMBATO

II SEMINÁRIO DE CONSTRUÇÃO COLETIVA DE APRENDIZADOS E CONHECIMENTOS  
BRASÍLIA / DF, JUNHO / 2019



FOTO: GABRIEL SCHULZ

## Entendemos o Encontro dos Saberes como uma oportunidade singular oferecida aos Centros

Durante o planejamento, é preciso considerar o calendário das comunidades locais, para se evitar, assim, a sobreposição de eventos que são importantes para as comunidades, sejam culturais ou religiosos, e que possam prejudicar a participação dos comunitários.

A participação dos monitores é de suma importância, pois são eles que têm a experiência diária, conhecem a região e conseguem compartilhar conhecimento advindo da vivência do monitoramento realizado de forma clara. São o ponto alto da troca de saberes, pois auxiliam a aproximação entre os pesquisadores e a comunidade. Por outro lado, um fator importante é evitar, caso possível, o convite de apenas um monitor para falar em público. Apesar de alguns serem mais acostumados com essas dinâmicas, pela própria atuação de instituições na região, ao estarem sozinhos, podem ficar intimidados ao apresentar suas experiências de maneira mais formal, na frente de várias pessoas. Uma alternativa é convidar um grupo de monitores para fazer uma apresentação conjunta; assim, todos irão se sentir mais à vontade.

Até hoje as oficinas contaram com um forte apoio técnico e financeiro do Instituto de Pesquisas Ecológicas (IPÊ) e dos recursos do Programa Áreas Protegidas da Amazônia (ARPA), contudo,

pensando em sua continuidade no âmbito do Programa Monitora, será preciso construir um formato em que se considere um cenário de redução de recursos. Devemos, portanto, pensar em arranjos mais baratos, inclusive para aquelas unidades de conservação que não são apoiadas pelo Programa ARPA, seja buscando alternativas de recursos, seja estreitando relações com parceiros locais, como universidades, instituições de pesquisas ou organizações não governamentais. Nesses casos, poderiam ser firmados acordos com pesquisadores locais, que poderiam tanto utilizar as informações e analisá-las, como promover os Encontros com as comunidades das unidades de conservação ou do seu entorno. Alternativamente, pode ser considerada a viabilidade de realização de Encontro em blocos de unidades de conservação dentro de uma mesma região.

Por fim, entendemos o Encontro dos Saberes como uma oportunidade singular oferecida aos Centros de, não só apoiar as unidades de conservação e o Programa Monitora, mas também promover o diálogo entre pessoas de contextos geográficos e socioambientais diversos, com canais de comunicação em que o conhecimento e os valores sejam permutados entre comunitários, estudantes e pesquisadores.

## Considerações finais

O Programa Monitora foi estruturado seguindo modernas orientações científicas fundamentadas na ecologia aplicada, na socioecologia e na biologia da conservação, com a gestão participativa do planejamento e da execução de ações para conhecimento, conservação e uso de recursos naturais. A definição de objetivos e de metas audaciosas, o aprimoramento dos conteúdos programáticos e dos padrões metodológicos, o esforço para a organização de informações, a construção coletiva do conhecimento, o aprendizado junto às comunidades envolvidas, a sistematização dos dados e a avaliação participativa das ações implementadas demandaram muito esforço e dedicação dos envolvidos. Isso soma-se à incessante busca pela adesão de diferentes segmentos sociais aos processos, incluindo a formalização de parcerias com universidades, instituições de pesquisa e conservação da biodiversidade, ONGs, empresas e outras entidades públicas e privadas, o que resultou em diferentes experiências e lições.

Desde o início da concepção e o planejamento da estratégia a ser adotada para o Encontro dos Saberes, processo construído de forma coletiva, que busca integrar experiências e lições aprendidas, provindas de diferentes iniciativas, conseguimos notar uma evolução positiva, mesmo com poucos eventos realizados até o momento. O processo, como um todo, vem sendo um constante aprendizado, especialmente se considerarmos que muitos de nós, pesquisadores, não tínhamos a experiência com o método ou a habilidade didática para repassar a informação de maneira mais compreensível, o que levou, inclusive, à quebra de certos paradigmas, ao mostrar que todos têm muito a aprender e a ensinar, logo também devemos buscar esse constante progresso.

Até hoje, por mais participativos e bem-intencionados que os processos dessa natureza vinham sendo realizados, não apresentavam a mesma natureza deste Programa, de estabelecer, de fato, um compromisso e de incluir a sociedade no processo como coparticipante, o que faz emergir seu empoderamento e a torna corresponsável pela gestão. Trabalhar de forma participativa com o grupo social focal e construir junto com a comunidade também possibilita a adaptação prática às realidades específicas. Essa integração com as comunidades residentes ou usuárias de áreas protegidas na Amazônia, em todos os aspectos do Programa, desde sua concepção, passando pelo seu planejamento até sua execução, na dimensão desse Programa, é singular na experiência brasileira relativa ao tema.

O aumento da participação social permite incrementar o protagonismo nas discussões para elaboração de políticas mais adequadas à realidade local e à gestão compartilhada. A compreensão mais profunda do contexto serve para fortalecer a gestão dos recursos da unidade, assim como pode influenciar a Política Nacional sobre Mudança do Clima, por exemplo, subsidiando a implementação de ações de adaptação às mudanças climáticas nas unidades de conservação federais e até mesmo analisando a sua efetividade.

A modularidade e adaptabilidade do Programa Monitora e os esforços empregados no desenvolvimento das diferentes etapas do Programa trazem a possibilidade de independência da gestão da unidade e de agregar parceiros, o que oferece uma expectativa positiva relacionada à institucionalização do Programa como política pública, independente de mudanças institucionais que possam ocorrer, o que será primordial para a continuidade do monitoramento.

## Como se constrói um Programa Nacional de Monitoramento da Biodiversidade?

A visão de um analista ambiental e pesquisador do ICMBio que fez e faz parte dessa história.

Os projetos têm um começo, um meio e um fim...

Ao longo dos anos, diferentes projetos focados na conservação de recursos naturais na região amazônica foram executados e, durante alguns anos, tive a oportunidade de trabalhar no Projeto Manejo dos Recursos Naturais da Várzea – ProVárzea/Ibama, cujo objetivo principal era contribuir para conservação da várzea da calha do rio Solimões-Amazonas, mediante o uso sustentável dos seus recursos naturais.

O projeto apoiou a consolidação do processo de manejo comunitário de pesca como instrumento de ordenamento pesqueiro para a bacia Amazônica, o que me possibilitou aprender algumas lições importantes que puderam ser trazidas para o Programa Monitora. Atualmente, como Analista Ambiental do ICMBio, lotado no CEPAM (centro responsável pela elaboração e implementação dos protocolos do Subprograma Aquático Continental, que atua como ponto focal do referido subprograma), vejo como a inclusão da sociedade, desde as etapas iniciais, até a análise e discussão de resultados de um processo como este, é de extrema importância para a sua manutenção e para gerar impactos significativos na vida das pessoas.

Para um projeto, existe um início, um meio e um fim, mas, à medida que a sociedade participa, envolve-se e se apropria do projeto, os impactos gerados pelo projeto se perpetuam. Com ações voltadas para a capacitação e o aumento da participação social nas discussões relacionadas ao manejo de recursos naturais, pude verificar isso ao visitar as comunidades da RDS Itatupã-Baquiá, depois de uma década de encerramento das atividades do Projeto ProVárzea/Ibama. Com o início da implementação do Programa Monitora na RDS, notei que houve um empoderamento da comunidade, com mais envolvimento nas discussões sobre o manejo dos recursos, melhoria da organização da comunidade e contribuição para a metodologia proposta para o monitoramento. Assim, apesar de o Encontro dos Saberes ter sido adiado por conta da pandemia de COVID-19, acredito que esse aprimoramento social possa ser notado em uma próxima oportunidade de oficina, em que se possa reforçar a importância da participação social ao longo do processo.

O Subprograma Aquático Continental iniciou depois de outros subprogramas, então apenas o Encontro dos Saberes na REBIO Abufari foi viável até o momento, mas percebi que existe o interesse de as comunidades participarem e aprenderem com os técnicos e pesquisadores. Inicialmente as atividades ainda geram certa desconfiança, pois temem alguma repressão por parte da fiscalização ou, frequentemente, as atividades são vistas de forma negativa, considerando-se os casos em que os pesquisadores coletam dados e não retornam para apresentar os resultados.

Dentre os pontos que mais me chamaram a atenção no Encontro dos Saberes foram a possibilidade de dar retorno das informações para as comunidades e a discussão dos resultados de forma conjunta, afinal de contas, apesar da posse dos dados e da geração de tabelas e gráficos, é na discussão conjunta que se consegue interpretá-los da melhor forma possível, com as pessoas que estão monitorando diariamente o que se passa na localidade.

Outro fator foi a aproximação cada vez maior entre a sociedade e os pesquisadores, o que gerou um maior entendimento do próprio ambiente em que vivem e engajamento para sua conservação, além de os próprios pesquisadores estarem empenhados em apresentar as informações da forma mais didática possível. Nessa linha de pensamento, a criação de um elo, algo que traga elementos

do cotidiano das pessoas e os associe com informações mais técnicas, mas de forma lúdica, potencializa o aprendizado e o interesse das pessoas, sendo um dos fatores mais importantes na conservação ambiental.

Marcelo Bassols Raseira  
Centro Nacional de Pesquisa e Conservação da Biodiversidade Amazônica (CEPAM)

ENCERRAMENTO DO II SEMINÁRIO DE CONSTRUÇÃO COLETIVA DE APRENDIZADOS E CONHECIMENTOS  
BRASÍLIA / DF, JUNHO / 2019

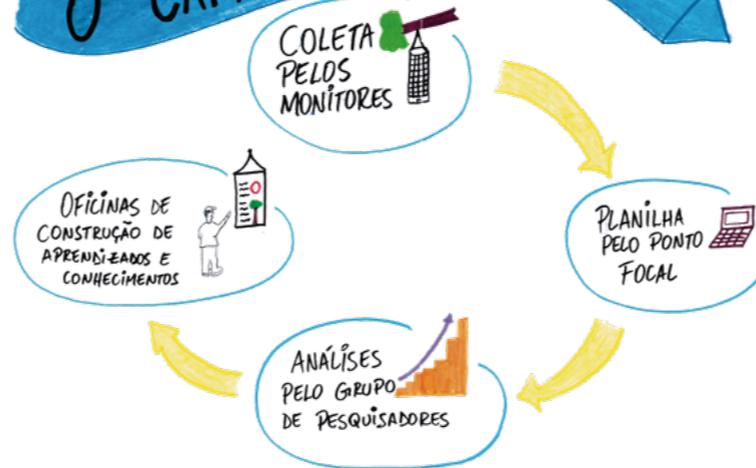


FOTO: BRUNO BIMBATO

# MONITORAMENTO PARTICIPATIVO DA BIODIVERSIDADE

oficina de construção coletiva de aprendizados e conhecimentos

## O CAMINHO DOS DADOS



"MONITORAMOS PRA SABER SE OS ANIMAIS AUMENTAM OU DIMINUEM NA NATUREZA"

JOÃO PAULO - CUNANI

"MONITORAMOS PRA AJUDAR NO TRABALHO DE VOCÊS"

ROGÉRIO - CUNANI

"MUTUM TÁ MEIO SUMIDO DAS TRILHAS"

JOÃO PAULO - CUNANI

"O MONITORAMENTO INTEGRA GESTÃO E COMUNIDADE"

RICARDO MOTA - CHEFE DO PARQUE

"ANTES EU VIA OS ANIMAIS COMO CAÇA. HOJE IMAGINO ELES VIVENDO NA NATUREZA"

JOÃO PAULO - CUNANI

"É BOM APRESENTAR PRA COMUNIDADE COMO É NOSSO TRABALHO PRA QUE ELES POSSAM ENTENDER MELHOR"

DIENNETRIN - VILA VELHA

"O QUE VOCÊS (PESQUISADORES) FAZEM COM OS DADOS QUE NÓS COLETAMOS?"

GEVANILSON - VILA VELHA

"DEPENDENDO DA ISCA, PEGAMOS POUCAS BORBOLETAS"

DIENNETRIN - VILA VELHA

"ENCONTRAMOS BORBOLETAS QUE NÃO ESTÃO NO GUIA DE BORBOLETAS"

GEVANILSON - VILA VELHA

AS MULHERES TÊM QUE TER MAIS ESPAÇO NO MONITORAMENTO

MARLÚCIA - CUNANI

"OLHAMOS A NATUREZA COM UM NOVO OLHAR. NÃO COM UM OLHAR DE DESTRUIÇÃO, MAS DE PRESERVAÇÃO"

ROGÉRIO - CUNANI  
DIENNETRIN - VILA VELHA

PRIMEIRA VEZ QUE VI MACACO VOADOR

ROGÉRIO - CUNANI